

CARTAS DEL FIN DEL MUNDO E EL FUERTE NAVIDAD: UMA VISÃO SOBRE A IMPORTÂNCIA DA ALTERIDADE

Gilmei Francisco Fleck
Bernardo Antonio Gasparotto

RESUMO: O presente texto centra-se numa análise das obras *El Fuerte Navidad* (2002), de José Luis Muñoz, e *Cartas del fin del Mundo* (1998), de Jose Manuel Fajardo. Nosso principal objetivo é observar as relações desenvolvidas pelos narradores dos romances ao justapor, nas diegeses destas obras, os paradigmas do discurso historiográfico e as convenções que regem o discurso narrativo ficcional, observando as estratégias empregadas para tornar possíveis as confluências da história e da ficção nas leituras do passado efetuadas por esses romancistas espanhóis. O estudo primará por uma perspectiva que se volte também para os aspectos relevantes da cultura eurocêntrica, com ênfase na questão da utilização da língua espanhola enquanto instrumento de manutenção do poder e perpetuamento de uma ideologia quando do encontro com os povos autóctones das terras americanas, levando-se em consideração que o idioma é apenas uma das muitas manifestações da cultura de um povo. Ao se focar tais aspectos possibilita-se uma espécie de leitura que priorize o fato de que se veja no “outro” – nativo da terra encontrada – um espelho; algo que até antes destas obras não era comum na literatura espanhola voltada aos episódios do descobrimento da América. Com isso possibilita-se ao leitor refletir sobre semelhanças e diferenças entre as culturas dos povos que se enfrentaram em 1492, ocasionando, como resultado do processo, uma maior identificação tanto de sua própria história como da história do “outro”. Esta alteridade que, conforme registra Todorov (1983), nem sempre esteve presente nos contatos entre os povos colonizadores europeus – origem das línguas estrangeiras que hoje ensinamos e aprendemos – e os povos colonizados na América. Tal perspectiva de busca de uma alteridade pela leitura crítica do passado efetivada pela ficção parece-nos essencial para o desenvolvimento integral de qualquer leitor consciente e crítico.

PALAVRAS-CHAVE: *El Fuerte Navidad* (2002), *Cartas del Fin del Mundo* (1998), alteridade, mestiçagem.

ABSTRACT: The present paper focuses on the analysis of the novels “*El Fuerte Navidad*” (2002), by Luiz Muñoz, and “*Cartas del Fin del Mundo*” (1998), by Jose Manuel Fajardo. Our main objective is to observe the relations developed by the narrators when they juxtapose, in the diegesis of these works, the paradigm of the speech of historiography and the conventions which rule the fictional narrative speech, observing the strategies applied to make the confluences of history and fiction possible in the reading process of the past presented in these novels written by the Spanish novelist. The study will prime for a perspective which also turns to evidence the relevant aspects of the Eurocentric culture, focusing on the use of the Spanish language by the European as an instrument of maintenance of the power and to the perpetuation of an ideology which were presented in the time of the first encounter between the autochthonous people of the American lands and the mariners of Columbus expedition, taking in consideration that the language is just one of the many possible manifestations of any culture. Putting focus on those aspects, it is possible to read the past in a way which prioritizes the fact that the creature seen as the “other” – the native in the found land – is a mirror; something that before those works could not be seen in the Spanish literature concerning the theme of the Discovery of America. By doing this, it is possible for the reader to reflect about similarities and differences between the cultures of the people that faced each other for the first time in 1492. The results of such a process of reading can be a better identification of their own history, as well as the history of the “other”. This alterity that, as registered by Todorov (1983), has not always been presented in contacts between European colonizers – origin of the foreign languages we today teach and learn – and the colonized people of America. Such perspective of looking for the alterity, through a critical reading process of the past made by fiction, seems to us essential in order to fully develop any conscious and critical reader.

KEY WORDS: *El Fuerte Navidad* (2002), *Cartas del Fin del Mundo* (1998), alterity, miscegenation.

O período das grandes navegações foi, sem dúvida, um dos momentos de mais intensos enfrentamentos entre diferentes povos. Estes encontros, na grande maioria, não se deram sob o signo da alteridade, uma vez que os navegantes europeus viajavam convictos da superioridade tecnológica que os impulsionava a cruzar fronteiras e, ao encontrar-se com outros povos, normalmente buscavam subjugar-los.

O contato inesperado de Colombo com a ilha de Guanahaní, no Caribe, na madrugada de 12 de outubro de 1492, com sua natureza exuberante em espécies de fauna e flora e seus habitantes vivendo em estado natural, quando imaginava haver atingido seu grande objetivo de chegar a Cipango ou Cathay, foi um dos eventos históricos que mais profundamente afetou a visão do homem de si mesmo e do outro, ao longo de todos os tempos.

A ânsia de manter vivas as conquistas, as descobertas e as tantas outras experiências vivenciadas e transmitidas oralmente de geração a geração levou nossos antepassados a encontrar meios de registrá-las de diversas formas. Tais formas foram evoluindo até que se chegou a um complexo sistema chamado escrita que, sempre calcado na base oral, possibilitou um acúmulo maior e uma sistematização mais precisa de informações, facilitando o acesso a elas, tal qual concebidas em sua época, por indivíduos distanciados no tempo. Este feito, como todos sabemos, marcou o limite entre a pré-história e o início da história. A ela tem-se atribuído, desde então, a responsabilidade de efetuar os registros dos fatos que passaram a ser considerados históricos, ou seja, que tiveram uma importância fundamental no passado da humanidade e, portanto, foram vitais neste processo de busca de identidade.

Neste sentido e numa perspectiva histórica, a escrita tornou-se um instrumento, um meio, uma ferramenta pelo qual os homens passaram, ao lado da oralidade, a registrar a sua visão dos acontecimentos, aqueles que julgaram

relevantes, expondo, assim, a sua leitura de mundo. Esta leitura, ou seja, a visão, a concepção e o entendimento da realidade impregnada pela ideologia vigente na época, a compreensão de um fato passado por um ou mais indivíduos, é submetida aos valores e às concepções destes homens que os observaram e, então, são registrados pela escrita. Estes registros, por sua vez, passaram a ser as fontes referenciais das quais hoje nos servimos para realizar a leitura de nosso mundo, para entender nossa realidade, consequência destas vivências passadas.

Os registros feitos desde então, bem como as descobertas anteriores a eles, são os elos que conectam povos, espaços e fatos através do tempo, permitindo-nos hoje, por meio do acesso às informações neles contidas, saber como viviam nossos ancestrais, quais eram seus anseios, necessidades, suas prováveis procedências, hábitos e costumes. Dominando e aperfeiçoando cada vez mais o sistema da escrita, o homem passou a efetuar tais registros com uma maior riqueza de nuances, empregando um maior e mais diversificado conjunto de técnicas narrativas, ao longo de sua própria evolução. Esse fato levou-o, em certo momento, a optar por distintas formas de registros, separando aqueles que se propunham a ser objetivos, mais científicos e passíveis de comprovação daqueles mais subjetivos, mais voltados para a exploração do potencial da própria linguagem.

Sendo, todavia, um ser em constante desenvolvimento, o homem não poderia, por um longo tempo, conformar-se com uma visão única e tradicional dos fatos e, em tais circunstâncias, passou a registrar também certas “possibilidades”. Deste modo, surgiram, por exemplo, visões diferentes de um mesmo passado, o que possibilita ao homem contemporâneo revisitar a história, relê-la, bem como reescrevê-la, surgindo daí a possibilidade da formação de uma consciência crítica, proporcionada pela leitura em seu mais amplo e profundo sentido.

Esta é uma das mais importantes possibilidades, entre as múltiplas leituras da realidade, que a contemporaneidade oferece ao homem. História e ficção são postas lado a lado, numa relação às vezes bastante intrigante, mas com algo em comum: sua constituição, que é baseada em material discursivo, o qual pode ser interpretado de forma distinta, permeado pela realidade subjetiva de cada falante, gerando novos discursos ao longo dos tempos. Assim, podem oferecer ao homem uma visão mais ampla e englobadora destes diferentes discursos.

A confluência, quase natural, da história e da ficção, encontra-se presente também nos primeiros registros, efetuados por Cristóvão Colombo, sobre o enfrentamento entre os nativos das terras americanas e os marinheiros da frota exploradora comandada por Colombo em 1492. Nos registros que fez Colombo as imagens dos nativos e de sua terra são feitas sob a perspectiva do europeu que busca, como era costume na época, avaliar o seu potencial lucrativo:

[...] porque cognoçi que era gente que mejor se libraría y convertiría a nuestra sancta fe con amor que no por fuerça, les di a algunos d'ellos unos bonetes colorados y unas cuentas de vidrio que se ponían al pescueço, y otras cosas muchas de poco valor, con que ovieron mucho plazer y quedaron tanto nuestros que era maravilla. [...]. Ellos andaban todos desnudos como su madre les parió [...] muy bien hechos, de muy hermosos cuerpos y muy buenas caras, los cabellos gruesos quasi como sedas de cola de cavallo e cortos. [...] D'ellos se pintan de prieto, y d'ellos son de la color de los canarios, ni negros ni blancos, y d'ellos se pintan de blanco [...]. Ellos no traen armas ni las conocen, porque les mostré espadas y las tomavan por el filo y se cortavan con ignorancia. No tienen algún fierro; sus azagayas son unas varas sin fiero y algunas d'ellas tienen al cabo un diente de peçe, y otras de otras cosas. Ellos deben ser buenos servidores y de buen ingenio [...] y creo que ligeramente se harían cristianos. (VARELA, 1986, p. 62-63).

Nesta descrição pode-se observar o olhar atento sobre o “novo”, típico dos viajantes, descobridores e exploradores da época das grandes navegações. Como exemplo de viajante que inspirou a aventura de Colombo pode-se mencionar Marco Polo. Este, muito antes de Colombo, aventurou-se a conhecer outras culturas, a sair de um determinado lugar – de sua cidade – e andando, a princípio sem roteiro prévio, permitiu se defrontar com o desconhecido. Nesse percurso, o que encontrou, mais do que a diferença, foi a si mesmo, até então não estranhado e, portanto, desconhecido. Diante disso, poderíamos pensar em outros lugares como espaços não somente circunscritos a lugares geográficos, mas, também, como tudo que nos cerca e daquilo que nos diferenciamos, caracterizando-se, assim, o “outro” como uma referência para o próprio reconhecimento. (ZANELLA, 2005). Percebe-se, deste modo, a íntima relação desenvolvida com o posicionamento, levantado por Ítalo Calvino (apud. ZANELLA, 2005), de que “os outros lugares são espelhos em negativo. O viajante reconhece o pouco que é seu descobrindo o muito que não teve e o que não terá”.

A partir daí podemos observar claramente a presença da alteridade, do se ver no outro, se conhecer a partir do estranhamento, do sou o que sou porque não sou, mas em última análise um igual. O conceito de alteridade foi desenvolvido por Bakhtin, entre 1918 e 1924, ao escrever diversos ensaios, cujo tema central é a relação entre o “eu” e os “outros”. O “eu” só existe em diálogo com os “outros”, sem os quais o próprio “eu” não se poderá definir. O processo de auto-compreensão só se pode realizar através da alteridade, isto é, pela aceitação e percepção dos valores do “outro”. (CEIA, 1997). A inexistência desta percepção do “outro” no primeiro enfrentamento entre europeus e autóctones americanos é destacado por muitos estudiosos, entre eles Tvetztan Todorov (1983, p. 11), que menciona que “Colombo descobriu a América, mas não os americanos”.

Neste sentido é interessante que se observe também o conceito de “estrangeiro”, exteriorizado por Julia Kristeva (1994), pela forma como a autora desenvolve o termo e tece íntimas relações com o conceito de alteridade:

[...] raiva sufocada no fundo de minha garganta, anjo negro turvando a transparência, traço opaco, insondável. Figuração do ódio e do outro, o estrangeiro não é nem a vítima romântica de nossa inércia familiar, nem o intruso responsável por todos os males da cidade. Estranhamente, o estrangeiro nos habita: ele é a face oculta de nossa identidade, o espaço que corrói nossa morada, o tempo onde desaparecem a espera e a simpatia. Reconhecendo-o em nós, nós nos poupamos de detestá-lo em si mesmo. Sintoma que torna precisamente o ‘nós’ problemático, talvez impossível, o estrangeiro começa quando surge a consciência de minha diferença e acaba quando nós nos reconhecemos todos estrangeiros, rebeldes aos laços e às comunidades. (KRISTEVA, 1994, p. 9).

Deste modo, o conceito de “se ver no outro” foi aprimorando-se com o desenvolvimento do ser humano. Se no passado o “outro” era de fato diferente, distante e compunha uma realidade diversa e totalmente alheia daquela de meu mundo; hoje, porém, o longe é perto e o “outro” é também, forçosamente, um mesmo, uma imagem do “eu” invertida no espelho, capaz de confundir certezas, pois na contemporaneidade já não se trata mais de outros povos, outras línguas, outros costumes. O “outro” hoje é próximo e familiar, mas não necessariamente é nosso conhecido. (GUSMÃO, 1999, p. 44-45).

Uma das maneiras mais interessante de se observar a manifestação da construção de uma alteridade pela sociedade contemporânea, com relação aos eventos do passado no qual tal intento esteve ausente – como é o caso do descobrimento da América –, é por meio dos romances históricos. Tais narrativas híbridas permitem uma maior

liberdade de atuação dos narradores com relação às “verdades” registradas pelo discurso historiográfico, do qual, inclusive, se deprende a idéia da inexistência da alteridade nos registros de Cristóvão Colombo. Segundo Carlos Mata Induráin:

La novela histórica, situada entre la historia y la literatura, puede narrar y explicar los acontecimientos con mayor viveza y emoción, sin la gravedad del relato puramente histórico, puede revivir el pasado, infundir vida nueva a ese material, penetrar en los caracteres principales de una época o una sociedad, en suma, calar en su esencia. (INDURÁIN, 1995, p. 57).

Este é o caminho que se percorrido por Muñoz (2002) e Fajardo (1998) em seus projetos estéticos de leitura do descobrimento da América pela ficção. Ambos romances históricos espanhóis contemporâneos, *El Fuerte Navidad* e *Cartas del fin del mundo*, trabalham com uma perspectiva, ainda que mínima, de busca da alteridade nos eventos do primeiro enfrentamento entre espanhóis e autóctones das terras encontradas por Colombo em sua rota via oeste, em direção às ricas terras de Cipango e Cathay, ao privilegiar em suas obras visões que se distanciam das práticas exaltadoras comuns nas letras espanholas com relação às ações de Colombo e seus tripulantes.

Chamamos, contudo, antes de entrar na análise das obras, atenção para o contexto social de onde partiram os navegantes espanhóis que acompanharam Colombo na travessia do Atlântico. Devido ao ambiente hostil que existia no mediterrâneo daquela época, por causa do conflito com os mouros, a Espanha se obrigou a buscar novas rotas para chegar até as Índias e aos demais mercados de especiarias. Isso levou à realização de novas incursões pelo Oceano Atlântico. O contexto social de onde partiram os navegantes espanhóis é, pois, um ambiente radical e totalitário, dominado pela Igreja Católica, pela busca da pureza racial,

da expulsão dos mouros e judeus do território espanhol, ou, no mais das vezes, constituído por uma população cristianizada, sem educação e miserável, que mal podia subsistir no seio da sociedade em que estavam inseridos.

Em meados do século XV a Europa como um todo, mas principalmente a Espanha, passava por uma série de “transformações”, uma destas pode ser considerada a “expulsão definitiva” dos mouros do território espanhol, como bem observa Jacques Heers (1981), no trecho que segue:

Este último reino, entretanto, é somente um longínquo herdeiro do grande califado de Córdoba e um eco enfraquecido de sua civilização. Nessa região isolada, aonde afluem os refugiados, protegida por uma zona fronteiriça cercada de fortalezas, nesse reduto do Islã, espécie de gueto, conserva-se apenas uma vida espiritual e artística, refinada, é verdade, às vezes suntuosa, mas de um brilho artificial, sem esforço de renovação, sem inspirações criadoras. A arte de Granada, cujo Alhambra – o palácio vermelho – oferece ainda um maravilhoso exemplo, parece voltada às expedições fastidiosas, aos jogos complicados e sutis, a exercícios de estilo, cujo brilho excepcional, o espantoso virtuosismo, nem sempre escondem uma certa pobreza. (HEERS, 1981, p. 334)

Outro fato que marcou profundamente a história europeia da época das grandes navegações foi o casamento de Isabel e Fernando, unindo os dois maiores e mais poderosos reinos existentes no atual território espanhol (Aragão e Castela), não vendo outra alternativa aos demais reinos da região a não ser unir-se (ou melhor seria dizer submeter-se) ao poder dos novos reis. Isto marcou o início da unificação política e territorial da Espanha. Com a expulsão do último soberano mouro, o califa Boabdil de Granada, os Reis Católicos tiveram toda liberdade para obrigar aqueles que não eram católicos a converter-se ao cristianismo ou a expulsá-los do seu território. (ISAAC; ALBA, 1967, p. 153).

Os grandes impérios que existiam na América tiveram a contagem regressiva para seu fim iniciado quando as três embarcações de Colombo chegaram à ilha de Guanahaní, em 12 de outubro de 1492, embora seus tripulantes imaginassem ter chegado às terras asiáticas descritas por Marco Polo e tantas vezes aludidas pelo Almirante ao longo da interminável travessia ao Atlântico que tanto lhes amedrontava. A desilusão frente à realidade das terras americanas seguiu-se ao júbilo do primeiro momento. Somente anos mais tarde os conquistadores chegariam a encontrar as ricas civilizações que habitavam esta nova terra: os reinos dos Incas e Astecas. Francisco Pizarro e Hernán Cortés foram os “privilegiados” conquistadores que, em suas incursões pelas terras americanas toparam com estas civilizações únicas e em pleno desenvolvimento. Esses encontros, como todos os outros entre europeus e autóctones do Novo Mundo, conduziu a enfrentamentos nos quais a superioridade bélica dos conquistadores reduziu à ruínas as florescentes culturas pré-colombianas.

O massacre ocorrido já não pode mais ser omitido. Um dos motivos básicos para que as coisas se dessem da forma como se deram é exposto pelo antropólogo Doney Dawson (1999), que revela a diferença básica entre a guerra primitiva, praticada pelos Impérios autóctones americanos na época de seu descobrimento pelos europeus, e a guerra moderna realizada pelos colonizadores, sendo para os primeiros o motivo da guerra a desconsideração da “honra” alheia, enquanto que para os europeus de então os fins são de ordem mais “patrimonial”. Nas palavras do autor “o motivo mais comum que povos primitivos dão para irem à guerra é vingarem-se de ofensas.” (1999, p. 36), contudo, outra foi a motivação que levou os espanhóis a guerrearem com as tribos autóctones da América.

Nas primeiras descrições feitas por Colombo já encontram embrionárias as motivações mais relevantes destes enfrentamentos: a posse da terra, a busca

pelo ouro, a submissão dos nativos à escravidão, a aculturação dos povos nativos, especialmente, pela imposição da língua e da religião advindas da metrópole européia.

O romance histórico constitui-se, na contemporaneidade, uma das mais críticas possibilidades de ler este passado sob novas perspectivas. Isso ocorre, por exemplo, na trilogia de José Luis Muñoz, *La pérdida del paraíso* (2002), na qual apresenta-se a visão do descobrimento e das principais aventuras dos espanhóis no Novo Mundo, na primeira parte intitulada *Guanahani*, sob o foco narrativo do espanhol Marín de Urtubia, um ex-presos, poeta, que servirá de escrevente ao Almirante e do autóctone Camani, que servirá de intérprete entre os nativos e os europeus recém-chegados a sua terra. A amizade que se estabelece entre o escrevente e o nativo possibilita uma visão bilateral deste encontro entre os dois mundos e esta perspectiva é vista, por nós, como uma tentativa de construção da alteridade pela arte literária.

O caráter hipertextual da narrativa de Muñoz aparece logo no princípio, ainda no relato da viagem de travessia, quando, ao ser requisitado pelo Almirante para escrever seu Diário, o poeta Marín de Urtubia toma certas liberdades na execução da tarefa de escrever o que Colombo lhe dita. Isso se dá na ficção devido ao pouco conhecimento da língua espanhola que o Almirante demonstrava ter. O narrador aponta as impressões do Almirante sobre a atuação do escrevente: “[...] licencia que irritaba frecuentemente al Almirante cuando, tras el dictado, le hacía repetir lo escrito. ‘- No he dicho eso.’ ‘- Pero lo habéis intentado’. ‘- Dudo entre castigaros o premiaros, insolente escribano.” (MUÑOZ, 2002, p. 29). Vê-se, pois, que os registros, outrora zelosamente feitos pelo Almirante, ganham na ficção o auxílio da visão de um poeta, o qual contribuirá com novas visões dos eventos deste fato histórico tão significativo para americanos e europeus de todos os tempos.

No primeiro tomo da trilogia de Muñoz – *Guanahani* – narra-se, sob a ótica do

escrivão e do indígena intérprete, os primeiros meses do encontro entre os nativos americanos e os europeus em suas explorações ao Novo Mundo.

No segundo tomo – *El Fuerte Navidad* – narra-se, sob os mesmos pontos de vista, as aventuras dos homens deixados por Colombo no Novo Mundo ao regressar à Espanha. A construção do Fuerte Navidad, símbolo da instalação colonizadora na América, logo se transforma em um impulso aos desmandos e à anarquia. Marín de Urtubia acompanha as lutas desordenadas dos espanhóis pelo poder, a busca incansável dos tesouros, que despertam uma ambição desenfreada em seus compatriotas e a lascívia ante as mulheres tainas. Entre todas as belas mulheres, é Canayma que lhe arrebatou o coração. A seu lado e de seu amigo Camani, ele se torna testemunha de todas as atrocidades cometidas pelos espanhóis e decide abandonar seu povo para juntar-se ao de sua amada. Assiste, porém, aos desastres que aniquilam todos os seus.

No último tomo da trilogia – *Caribe* – relata-se as experiências de Marín e Camani como prisioneiros de uma tribo de canibais e o desfecho trágico da amizade entre o europeu e seu amigo autóctone, feita pela visão já bastante híbrida de Marín de Urtubia após toda uma caminhada ao lado de seu fiel amigo Camani que soube lhe impregnar com muitos valores da cultura oral dos passivos tainos, habitantes nativos da ilha de Guanahani.

Muñoz dá, desta forma, um destaque especial à liberdade de criação já que não há registros oficiais de cronistas sobre esses eventos. Diferente da postura de muitos de seus compatriotas que, em relação ao descobrimento, buscam manter-se dentro dos limites do que já foi dito pela historiografia oficial – com discursos que, antes de questionar os fatos do passado sob uma visão crítica, acabam sendo um metarrelato de legitimação destes fatos –, Muñoz prima pela invenção e criatividade na reconstrução que busca fazer dos possíveis fatos ocorridos com o grupo de trinta e nove espanhóis deixados

em “La Española” por Cristóvão Colombo, em janeiro de 1493, quando este retorna à Espanha para comunicar aos Reis Católicos o sucesso de sua empresa descobridora.

Já José Manuel Fajardo (1998), ao reconstruir em seu romance *Cartas del fin de mundo* as aventuras vividas pelo grupo de espanhóis recém-chegados ao Novo Mundo, toma a perspectiva de um destes aventureiros. Deste modo, a voz do narrador é a de um dos homens do grupo deixado por Colombo no Novo Mundo – o toneleiro Domingo Pérez, natural de Bermeo – tripulante da nau Santa María, que havia naufragado naquela ilha. Essa voz se manifesta em forma de cartas que a personagem escreve a um irmão que teria ficado na Espanha cuidando do pai doente. Na recriação literária do acontecimento histórico impossível de ser recuperado por não haver nenhum registro dos fatos ocorridos, o narrador do romance, além de justificar a sua aventura em busca de melhores condições de vida, manifesta o desejo de contar ao irmão, a quem destina as cartas que escreve, o que acontece no dia-a-dia neste Novo Mundo e a razão que os move nessa aventura. Segundo a voz enunciativa: “[...] el brillo del oro ha sido la poderosa razón que a todos nos ha animado a quedarnos en esta tierra incógnita mientras el Almirante vuelve a Castilla a dar razón de cuanto hemos visto e descubierto.” (FAJARDO, 1998, p. 21).

Ponto importante de se mencionar em relação a *Cartas del fin del mundo* é que ao se utilizar o gênero epistolar, dá-se vazão ao subjetivismo, aspecto perceptível em vários pontos da obra, especialmente nos momentos em que o narrador, primeiramente, oferece uma idéia geral sobre o que ocorreu em determinado momento, para apenas depois especificá-la, detalhando como se deu a ação contada, quem se envolveu nela e os resultados menores que podem ter influenciado no desfecho das ações. Levando esta característica da obra em consideração, percebe-se que ela constitui-se, por um lado, em uma narração intradiegetica, uma vez

que o narrador vive os fatos que estão sendo descritos e ficam explicitados os sentimentos vividos por ele nas situações que relata ao narratário. No entanto pode-se observar, por outro lado, que se materializa também ao longo da narrativa a presença de um narrador em nível extradiegético, pelo fato de se revelar na diegese fatos ocorridos com outros personagens alheios ao universo conhecido do protagonista.

Observa-se, ainda, que esta obra tem caráter tanto autodiegetico, já que um dos narradores presentes na obra é o escritor das cartas que retrata fatos vividos por ele; assim como há um narrador heterodiegetico, pois, no fim da obra, percebe-se que as cartas não chegaram ao seu destinatário (narratário), mas sim, às mãos da igreja. Neste momento o narrador deixa de ser autodiegetico e passa a ser heterodiegetico. Assim a obra desenvolve uma narrativa polifônica em relação às ações dos primeiros espanhóis em terras americanas. Isso poucas vezes é observado na literatura espanhola que se volta a estes eventos do passado protagonizado por Colombo. A narrativa de Fajardo abrange tanto uma dimensão intra quanto extradiegética, com a presença de uma voz enunciativa autodiegetica e outra heterodiegetica, de forma evidente, marcando a presença da dialogia que estabelece um intenso diálogo entre os diferentes discursos sobre as ações dos europeus no Novo Mundo.

Levando em consideração a liberdade de criação, deve-se atentar para o momento em que o “relato” das aventuras dos espanhóis na ilha de Guanahani deixa de ser puramente histórico e passa a embrenhar-se nas prerrogativas da ficção, uma vez que não há qualquer fonte histórica escritural sobre o que realmente ocorreu com aqueles trinta e nove naufragos que permaneceram a espera da volta de seu almirante.

A narrativa de *Cartas del fin del mundo* revela um discurso em tom nostálgico e confidencial, no qual se enumeram as atrocidades, as intrigas, as discórdias, os

desmandes, a cobiça, a inveja, a matança de que a história não se exime pelo fato de que não houve sobreviventes para relatar alguma outra versão dos fatos. O discurso empregado na obra busca revelar uma nova faceta do encontro entre os dois mundos, ou seja, a percepção do “outro”. Se Cristóvão Colombo, conforme registra Todorov (1983), em toda sua experiência de descoberta não chegou a dar-se conta da existência do “outro”, as narrativas ficcionais buscam, na contemporaneidade, exercitar-se em escritas que procurem dar a este passado uma visão do “eu” e do “outro” que não chegaram, de fato, a se encontrar naquele momento histórico.

Deste modo, percebe-se que na obra de Fajardo cria-se uma diegese a qual revela que, logo após a chegada dos espanhóis na América, o contato dos espanhóis com a população nativa foi agradável e desprovido de receios, ao contrário de como poderia se esperar por parte dos índios, cujo território estava sendo ocupado por seres estranhos. Com a maior interação das relações sociais entre autóctones e espanhóis, elucida-se o motivo pelo qual os nativos tratavam de forma tão amistosa os estranhos homens brancos: eles eram tidos como “enviados do céu”, deuses, uma vez que no contexto religioso dos nativos cultivava-se a crença de que um dia os deuses brancos viriam pelo mar, para punir os índios por seus atos de maldade. Devido a esta espécie de temor, misturada com devoção, os europeus eram tratados de forma tão benevolente. A voz enunciadora revela o modo como os espanhóis desfrutavam desta crença dos nativos:

El señor Moguecainambó dijo que ya sabía el gran valor que dábamos al oro y que sin duda sería por ser esta cosa turey, que en su lengua quiere decir cosa que viene del cielo, y nada había más natural que nosotros, que también éramos turey, amásemos los dones celestiales. Y es que estas gentes creen sinceramente que somos enviados del cielo y nos miran como si fuésemos dioses. Puedes creerlo? Te imaginas a tu hermano convertido en un dios? Yo también me río y tanta credulidad

hace que estos indios se me representen como niños temerosos. Muchas veces hemos de contener la risa para no dar al traste con un equívoco que tanto nos beneficia. (FAJARDO, 1998, p. 28)

Desta mesma maneira percebe-se que os nativos viam os espanhóis na obra de Muñoz (2002). No entanto, os nativos aí configurados, rapidamente, se dão conta, devido às ações pouco hábeis executadas pelos europeus, do equívoco desta imagem e, assim, os espanhóis passam a ser vistos sob outras nuances. Portanto, sua personalidade divinizada foi sendo descaracterizada, não ficando tão marcante o caráter mítico nas relações entre autóctones e europeus, como se pode ver nas palavras do narrador:

Armados con ballestas, lanzas y cuchillos y arrastrando apostados en escondidos lugares a que algún infortunado pájaro aleteara por su lado o alguna carnosa bestia se dejara aflechar. En sus diarias partidas de caza eran observados por los impertérritos tainos, que podían menos que sonreír ante la torpeza como cazadores de esos dioses que cada vez lo eran menos a sus ojos. (MUÑOZ, 2002, p. 19-20).

Revelar a percepção do nativo em relação às ações dos europeus também mostra o intento da construção da alteridade nas narrativas aqui enfocadas. A traição e a covardia eram outros elementos percebidos pelos nativos nos espanhóis descritos na obra de Muñoz. Tal fato se evidencia quando o narrador descreve a cena de um espanhol assassinado um compatriota: “- Viva el gobernador don Juan de la Plaza! – gritó y, casi al mismo tiempo, hundía la daga en el pecho del notario, entre las costillas, con certera puntería, dañándole el corazón, la sacaba y le segaba la garganta a continuación.” (MUÑOZ, 2002, p. 189). Estas características estão presentes nas obras de Muñoz e Fajardo e remetem novamente a questão do outro, quando os espanhóis consideravam os nativos covardes e ingênuos, na verdade era uma análise embasada nos

próprios exploradores, a covardia era um reflexo de seu interior de sua forma de vida, sua insegurança frente ao desconhecido, enquanto que a ingenuidade era reforçada frente a excessiva ambição e ganância espanhola, a cede de poder e riquezas destes tornaria qualquer ação distinta deveras ingênua, “prestativa” e “condescendente”.

Outra demonstração de agressividade e violência desnecessária por parte dos espanhóis é narrada no romance de Fajardo quando o narrador menciona que os espanhóis estavam instalados em uma aldeia, mantendo boas relações com os índios, e acabam por invadir a cabana do cacique para obter informações acerca da morada de Yucemí (Deus branco que se alimentava de ouro) e do paradeiro da mina de ouro. Na invasão, os espanhóis acabam por ferir uma série de índios, inclusive levando um a morte. Para obter as informações desejadas, Chanchu esquentava a lâmina de sua espada no fogo e a utiliza para queimar a planta dos pés do cacique, que não resiste muito e acaba por entregar a informação desejada, para garantir sua saída em segurança da aldeia levam o cacique e suas esposas como reféns (FAJARDO, 1998, p. 132-135). Neste mesmo viés apresenta-se na versão ficcional dos eventos outro momento onde se pode perceber a maldade e o sadismo do povo do velho mundo jamais mencionados nos registros oficiais, como se pode ver no fragmento: “Una chiquilla apareció muerta en uno de los caminos que llevaban a la aldea. Había sido violada tantas veces y con tal brutalidad que la habían desgarrado. Cuando la muchacha fue llevada al poblado, la ira se encendió.” (MUÑOZ, 2002, p. 300). Nestes momentos é possível observar uma espécie de reprodução do ambiente violento, autoritário e sádico possível de haver existido na Europa daquela época e que veio a se materializar também nas ações dos conquistadores em solo americano. Tais possibilidades são explicitadas em diversas figuras grotescas como esta da garota estuprada e, deste modo, várias cenas de violência para com os nativos se espalham

em muitos momentos da narrativa das duas obras.

Pode-se perceber que os homens que seguiam a doutrina cristã não eram tão fiéis a seus princípios quanto o eram na hora de pregá-los ou impô-los a outros povos, uma vez que não foi muito difícil se habituar aos costumes pagãos, estranhos a sua cultura, como dormir em redes: “[...] cada cual acostado en su hamaca, que son redes de algodón que se cuelgan entre dos árboles o dos ganchos, si es dentro de una cabaña, y es el lecho que usan los indios y que ahora usamos también los cristianos”. (FAJARDO, 1998, p. 52) e tantas outras novas formas culturais com as quais entraram em contato em solo americano e que, com grande entusiasmo, os espanhóis absorveram e passaram a praticar.

Tal “fraqueza” de valores cristãos pode ser observado em momentos como quando os espanhóis compactuam de rituais de dança, que seriam tidos como pagãos por qualquer inquisidor, com os nativos. A configuração dada aos espanhóis na obra de Fajardo e Muñoz, permitindo que estes criem laços com a cultura local, possibilitando-lhes que se encontrem também nas ações dos outros para descobrir um lado deles até então amarrado por laços morais e sociais. Assim, mediante a cultura do outro, os espanhóis percebem o quão distantes encontram-se de seus próprios princípios sociais e religiosos, que até então eram tão sólidos.

Outra característica fundamental da obra de Fajardo é a forte carga de descrição do ambiente e de costumes dos nativos, bem como a visão dos espanhóis que tudo viam com estranheza, desde a falta de roupa e, conseqüentemente, de pudor, até a forma de trabalho, não visando o lucro. Esta estranheza fica clara em certos momentos como quando os europeus confundem dois peixes-boi com as figuras mitológicas conhecidas por sereias (FAJARDO, 1998, p. 64-75). Nestes pontos muitas vezes se percebe a tendência do narrador a chamar ou dar a entender que o ambiente em que se encontravam os europeus poderia ser considerado como sendo o próprio paraíso.

Neste sentido, pode-se entender que até então viviam eles no inferno, ou ao menos no estado primitivo em que foram jogados Adão e Eva, é mediante este estranhamento e busca pela aproximação de sua cultura, misturando esta a elementos locais que surge algo renovado.

É mediante a análise da miscigenação do povo e da cultura americana, bem como com o estudo da noção de alteridade, que se possibilita a criação de algo renovado, desprendido de dúvidas e preconceitos, algo mais forte, que emana das páginas dos romances históricos que se aventuram a ler o passado sob olhares antes excluídos do âmbito da cultura letrada, responsável pelo registro do passado, que, sob este renovado prisma, ganha outras e múltiplas dimensões que revelam, também, a cara do “outro” em nossas próprias ações de leitura e reconstrução do sentido.

T & M

Texto recebido em agosto de 2008.
Aprovado para publicação em outubro de 2008.

SOBRE OS AUTORES

Gilmei Francisco Fleck é Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista - UNESP/ Assis. Mestrado em Letras (2005) pela Universidade Estadual Paulista - UNESP/ Assis. Especialista em Língua Espanhola e respectivas literaturas (2000) pela Universidade do Oeste de Santa Catarina - UNOESC/Xanxerê e em Ensino de Inglês como língua estrangeira pela Universidade do Oeste de Santa Catarina - UNOESC/Chapecó. Possui graduação em Letras Habilitação Português/ Espanhol e Respectivas Literaturas (2001) pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões -URI/Frederico Westphalen e graduação em Letras Habilitação Português/ Inglês e Respectivas Literaturas (1996) pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões -URI/Frederico Westphalen. Professor de Literatura Hispano-americana e Cultura Hispânica da UNIOESTE – *campus* de Cascavel. Membro do Grupo de Pesquisa Confluências da Ficção, História e Memória na Literatura.

Bernardo Antonio Gasparotto é mestrando do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras: Linguagem e Sociedade – Unioeste/Cascavel.

REFERÊNCIAS

CEIA, C. De Punho Cerrado: *Ensaio de Hermenêutica - Dialética da Literatura Portuguesa Contemporânea*. 1997. Disponível em: <<http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/A/alteridade.htm>>. Acesso em: 29 de Set. de 2008.

DAWSON, D. *As Origens da Guerra no Ocidente: militarismo e moralidade no mundo antigo*. Trad. José Lívio Dantas. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1999.

FAJARDO, J. L. *Cartas del fin del mundo*. Barcelona: Ediciones B, 1998.

GUSMÃO, N. M. M. Linguagem, cultura e alteridade: imagens do outro. *Cadernos de Pesquisa* (Fundação Carlos Chagas), 107 (jul.), p. 41-77, 1999.

HEERS, J. *História Medieval*. Trad. Tereza Aline Pereira de Queiroz. 3 ed. São Paulo: DIFEL, 1981.

MATA INDURÁIN, C. Retrospectiva sobre la evolución de la novela histórica. In: *VÁRIOS. La novela histórica: teoría y comentarios*. Barañáin: EUNSA, 1995.

ISAAC, J.; ALBA, A. *História universal: Idade Média*. Trad. Lycurgo Gomes da Motta e Alzon Lenardon. São Paulo: Editora mestre Jou, 1967.

KRISTEVA, J. *Estrangeiros para nós mesmos*. Trad. Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

MUÑOZ, J. L. *La pérdida del paraíso – II El Fuerte Navidad*. Barcelona: Planeta, 2002.

TODOROV, T. *A conquista da América. A questão do outro*. Trad. Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

VARELA, C. *Cristóbal Colón: Los cuatro viajes*. Testamento. Madrid: Alianza, 1986.

ZANELLA, A. V. Sujeito e alteridade: reflexões a partir da psicologia histórico-cultural. In: *Psicologia & Sociedade*; n. 17, p. 99-104; mai/ago., 2005.

Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

REVISTA TEMAS & MATIZES

Versão eletrônica disponível na internet:

www.unioeste.br/saber